

## O POEMA *EUROPA* DE MOSCO DE SIRACUSA

Fabrizio POSSEBON<sup>1</sup>

### RESUMO

Desde a Antigüidade, o bucólico é visto como um gênero distinto dos demais. Percorreremos a antiga tradição, procurando identificar suas características fundamentais. A amplitude da caracterização é tal que comporta uma gama bastante variada de obras. O poema *Europa* de Mosco de Siracusa conserva pouco do bucólico propriamente dito, como verificaremos pela leitura da tradução.

**Palavras-chave:** Gênero bucólico, Mosco, Europa.

### ABSTRACT

Since antiquity, pastoral is seen as a distinct literary genre. We will investigate the old tradition, identifying its basic characteristics. The amplitude of the characterization is such that sufficiently holds a varied gamma of works. The poem *Europe* of Moschus of Syracuse keeps little of the pastoral genre properly said, as we will verify by the reading of the translation.

**Keywords:** Pastoral genre, Moschus, Europe.

### O GÊNERO BUCÓLICO

Segundo a Suda (X d.C.), que compila em seu dicionário enciclopédico a voz da tradição, houve três poetas bucólicos (verbete *Theókritos*):

*E observa que houve três poetas de poesias bucólicas: esse Teócrito, Mosco Siciliano e Bión de Esmirna.*

*Os próprios textos, além disso, mencionam Musas e cantos bucólicos, como por exemplo:*

*Mas, eia, comecemos rápido os cantos bucólicos.*

Teócrito, Idílio VII, 49.

Isso evidencia a clara existência de uma distinção entre essa produção helenística e a tradição das épocas anteriores, clássica e arcaica.

O modo como encontramos referências à produção literária é por meio do termo *gênero*, ou seja, temos obras do gênero épico, lírico, historiográfico, filosófico, dramático e também bucólico. Cumpre, então, inicialmente apresentarmos uma definição geral para gênero, para em seguida buscar uma compreensão daquilo que individualiza o gênero bucólico.

O prof. Fidelino de Figueiredo (Pereira, p. 77) propõe o quadro didático seguinte:

<sup>1</sup> Doutor em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Professor de Língua Latina e Filologia Românica da UFPB.



Assim, sua divisão fundamental dos gêneros da arte literária é: verso e prosa. Evitando a tripartição tradicional em lírica, épica e dramática, que mistura elementos distintos, ele propõe uma estrutura binária, no segundo nível: *representativo*, ou seja, uma produção de obras para se verem, e *expositivo*, obras para se lerem. *De ação* e *subjetivo*, próxima subdivisão, procura cobrir os conceitos fundamentais do ponto de vista objetivo, normalmente definido para a épica, a sátira e o romance, e a visão interior, associada ao sentimento lírico. Nessa proposta de classificação, o gênero bucólico, segundo Fidelino de Figueiredo, é uma arte literária em verso, expositiva e de ação. Damos ainda mais uma passagem de seu ensaio (*idem*, p. 86), para melhor compreensão do conceito de gênero, principalmente pela sua abrangência:

*O gênero literário é o instrumento de que se serve inevitavelmente o artista para se expressar, isto é, para ordenar as suas emoções e idéias e para as confessar, e para comunicar, isto é, para chegar ao espírito público, para entrar nele e lhe instilar as suas conclusões intuitivas. A obra de arte literária veste necessariamente alguma forma, o gênero, que é a plataforma de encontro entre o artista criador e o público receptor.*

Em síntese, o gênero é uma espécie de fôrma, necessária para que se estabeleça a comunicação entre o artista e seu público. A partir da base comum, o artista mostra seu talento, inovando.

Ao tentarmos, portanto, melhor definir o gênero bucólico, nós procuraremos essa base comum, isto é, aqueles elementos recorrentes, mais gerais, e não a marca pessoal de cada autor. Nossa primeira dificuldade está com o próprio criador do gênero, Teócrito. Suda, no verbete já citado, relaciona um conjunto de obras atribuídas a Teócrito:

*Há também outro Teócrito, filho de Praxágoras e Filina, outros dizem filho de Símico; era siracusano e outros dizem de Cós; e se estabeleceu em Siracusa. Ele escreveu as denominadas poesias bucólicas, em dialeto dórico. E alguns lhe atribuem também estas: As portas de Preto<sup>2</sup>, Esperanças, Hinos, Heroínas, Cantos Fúnebres, Elegias e Jambos, Epigramas.*

---

<sup>2</sup> Preto, rei de Tirinto. O termo grego pode significar as filhas de Preto ou as portas de Preto, na cidade de Tebas, segundo o *Dictionnaire Grec-Français* de A. Bailly.

Então, nos manuscritos remanescentes, como identificar qual a produção originalmente bucólica e qual aquela de outra natureza? Os trinta poemas conhecidos de Teócrito mostram uma grande variedade de temas, estilos, metros e dialetos empregados. Igualmente não nos auxilia muito a obra de Mosco e de Bion, seguidores de Teócrito, dado que foram poucas as composições que deles restaram<sup>3</sup> e, principalmente, por não tratarem do tema bucólico, como o próprio termo faz supor, isto é, o tema pastoril. O termo grego *boukólos* designa o condutor de bois ou boieiro, daí a evidente vinculação do gênero bucólico ao tema agreste e pastoril.

Assim, há pelo menos duas alternativas: *bucólico* designa a produção que tem como tema central o boieiro e as obras que não o tratam fazem parte de outros gêneros, já que os poetas não se limitavam em sua expressão artística, ou devemos chamar de bucólico uma gama bastante ampla de composições de diversas naturezas? A solução intermediária parece a melhor: originalmente bucólico designaria a temática pastoril, no sentido mais estreito, e foi, paulatinamente, se expandindo e aceitando outros temas, tendo a paisagem agreste como o ambiente em que tudo se passa.

Pensando no gênero bucólico, *stricto sensu*, nós o caracterizaremos da seguinte maneira: suas composições são curtas (comparado relativamente aos poemas épicos; não passando dos trezentos versos), independentes e episódicas. Há, normalmente, uma introdução, um desenvolvimento e uma conclusão. No desenvolvimento, alternam-se monódias (uma única voz) ou cantos amebus (cantos ao desafio, entre duas vozes; às vezes, uma terceira voz é o juiz da disputa). Os pastores que falam ou dialogam são boieiros, cabreiros e ovelheiros, não há porquieiros. É bastante empregado o hexâmetro, o metro épico por excelência, embora haja outras possibilidades. Encontramos também mais de um dialeto grego, não sendo possível estabelecer com precisão se existe um domínio efetivo, por parte dos autores, dos diversos registros ou se o emprego é artificial e estilístico, como normalmente é entendida toda a produção helenística, marcada pela erudição.

Quanto ao assunto tratado destaca-se o *amor*, quer correspondido e louvado, quer rejeitado e deplorado. A *natureza* está sempre presente, muitas vezes como o tema principal, mas não se trata de uma visão realista, mas idealizada, evasiva, uma espécie de mundo de sonhos, onde reina a tranqüilidade, a paz, o descanso, o *otium*. Os pastores não são perturbados pelos problemas cotidianos, mas se deixam levar pelas grandes emoções da vida. Assim oscilam entre delicados e simples até grosseiros, supersticiosos, patéticos e mesmo desvairados. Igualmente idealizada é a grande erudição dos pastores, principalmente quando a temática da composição é alguma *matéria mítica*, como episódios das narrativas épicas.

Conforme já comentamos, o prof. Fidelino classifica o gênero bucólico como uma arte literária em verso, expositiva e de ação. De nossa parte, preferimos classificá-lo como híbrido, não tanto pela possibilidade representativa da declamação e dos diálogos dramáticos, mas principalmente pelo seu caráter lírico. Vejamos uma passagem, claramente subjetiva, entre as mais apreciadas:

*Choro o Adônis. “Está morto o belo Adônis.”  
 “Morto o belo Adônis”, os Amores também choram.  
 Não mais durmas, ó Cípria, em negras mortalthas.  
 Ergue-te, infeliz, de manto escuro, e bate no  
 peito e diz a todos: “Está morto o belo Adônis.”*

Bion, *Epitáfio de Adônis*, v. 1-5

<sup>3</sup> De Mosco conhecemos três poemas: *Amor fugitivo*, *Europa* e *Mégara*. Também lhe são atribuídos o *Epitáfio de Bion* e outras composições curtas. De Bion temos seguramente somente o *Epitáfio de Adônis*. Nessas composições está presente a paisagem campestre, como um pano de fundo, mas não a figura central dos pastores.

Passemos agora à apresentação do período em que se desenvolveu o gênero bucólico. O período Helenístico ou Alexandrino é normalmente situado pelos historiadores da literatura, aproximadamente, entre os anos 330 a.C. e 30 a. C. Sua marca histórica inicial é a ascensão de Alexandre o Grande e a morte de Aristóteles e Demóstenes; e sua marca final é a passagem de Roma, e todas as suas colônias, inclusive a Grécia, para o regime imperial, sob o comando de Augusto.

Do ponto de vista político, parece claramente ter havido na Grécia uma perda de liberdade, já que uma administração macedônia tomara o poder. A *Comédia Nova* de Menandro (340-292 a.C.) exemplifica bem esse estado de coisas, pois o riso farto e abundante de Aristófanes (445-385 a.C.), na *Comédia Antiga*, agora se faz comedido, é mais um sorriso do que um riso.

A língua grega levada por Alexandre a todas as regiões conquistadas é um tanto diferente daquela praticada no solo da Grécia. Alguma simplificação se impôs pelo seu caráter agora de língua comum a diferentes povos. Esta *koiné* chegou até a Índia, onde deixou marcas no sânscrito. Dela também se serviram os rabinos para a tradução do Velho Testamento, conhecida como *Septuaginta*, *Setenta*. Há notícias de traduções feitas do caldeu. Ainda existem hoje fragmentos da *Aigyptiaka* de Maneton, tradução feita do egípcio.

Duas tendências opostas se verificaram. Por um lado, expandia-se o grego comum, levando o teatro, os gêneros literários e as demais artes gregas a toda parte, mas por outro se realizava um esforço em manter aquele patrimônio dos séculos anteriores, escrito nos diferentes dialetos: a épica em jônio, o teatro em ático e dórico, parte da lírica em eólio, para citarmos somente algumas ocorrências.

Assim, grandes bibliotecas foram inauguradas, como a de Alexandria, conservando-se um número surpreendente de manuscritos<sup>4</sup>. Muitos dos grandes autores do período estão ligados às bibliotecas, como curadores. Citam-se, por exemplo, Calímaco, Zenódoto, Eratóstenes e Apolônio Rodes, autor da epopéia *Argonáutica*, com 6.000 versos, segundo o modelo da *Ilíada* e da *Odisséia* de Homero.

Vê então surgir o período helenístico uma plêiade de poetas seguidores da antiga tradição, mas que escreviam, segundo parece, mais com um grande esforço deliberado de *imitação* do que como gênio criador. Assim, eram capazes de escrever nos dialetos que talvez não mais existissem e recuperavam palavras já há muitos séculos em desuso.

A mistura de tradições diversas, as referências, as alusões, o vocabulário erudito e raro, certas formas não tão bem explicadas, enfim, a variedade é a marca do período Helenístico. Isso soa, para alguns, como artificial e pouco criativo, ou seja, inferior. Mas convém lembrar que originalidade, criatividade e inovação serão valorizados, principalmente, após o Romantismo, e que para os antigos o cânone era a imitação. Essa, sim, merecedora do reconhecimento geral.

Houve, todavia, espaço para a originalidade, como uma espécie de reação à continuidade servil, como é o caso do gênero bucólico ou pastoril, iniciado por Teócrito e seguido por Mosco e Bión. Em Roma, o gênero terá como representante máximo Virgílio e seus seguidores Calpúrnio Sículo e Aurélio Nemesiano. Passando pelo humanista português Henrique Caiado (século XV), o gênero bucólico chegou até o Brasil-Colônia, com nossos expoentes Thomás Antônio Gonzaga e Cláudio Manuel da Costa, revelando, desse modo, a sua vitalidade.

Sabemos pouco dos personagens históricos Teócrito, Mosco e Bión. Além do que diz a *Suda*, conservou-se o seguinte poema a respeito de Teócrito:

<sup>4</sup> “À l’ époque de Callimaque, la Bibliothèque d’ Alexandrie possédait à peu près 400.000 rouleaux; on n’ avait jusqu’ alors jamais vu une telle quantité de livres”, ou seja, “Na época de Calímaco, a Biblioteca de Alexandria possuía cerca de 400.000 rolos; não se havia jamais visto até então uma tal quantidade de livros”. *Lire a Athènes et a Rome*. Annales ESC, juillet-août 1989, n. 4, p. 931. Palestra proferida por Luciano Canfora, da Universidade de Bari.

*Outro é o quio. Eu, Teócrito, que redigiu isto,  
sou um dos muitos siracusanos,  
filho de Praxágoras e da ilustre Filina,  
e nenhuma Musa estrangeira atraí.*

*Antologia Palatina, IX, 434.*

Houve evidentemente muitos outros autores bucólicos, mas não foram conservados pela tradição. Estobeo (VI d.C.), com sua obra *Anthologium*, nos transmitiu alguns fragmentos, dos quais apresentamos um exemplo:

*Às Musas o Amor chame, as Musas tragam o Amor:  
As Musas dêem a mim, sempre desejoso, o canto,  
o méleo canto – do que este não há remédio mais doce.*

### **O poema *Europa***

O poema de Mosco não trata da matéria pastoril, mas da mítica. O ambiente, todavia, em que tudo ocorre é a natureza. A jovem Europa tem um sonho profético, em que duas mulheres (os continentes Ásia e Europa) lutam. Ela se desperta do sono, achando-se favorecida pelos deuses, e vai encontrar suas amigas no prado, à beira do mar. Zeus, em forma de touro, se apresenta e seduz a jovem, com sua beleza e inteligência. Com a Europa no dorso, segue pelo mar, acompanhado por um cortejo de entes mitológicos, rumo à ilha de Creta, onde se casa com a jovem e tem com ela uma prole de reis.

Cípria, certa vez, enviou um doce sonho à Europa.  
Quando a terceira parte da noite se erguia, quase aurora,  
quando o mais doce sono de mel, pousando nas pálpebras,  
relaxante, retém cada olho, com suave amarra,  
5 e quando a grei dos sonhos justos pastoreia;  
neste momento, dormindo no andar superior,  
Europa, a filha ainda virgem de Fênix,  
supôs lutar em torno de si dois continentes:  
Ásia e o continente oposto. E tinham talhe de mulheres.  
10 Uma possuía forma de estrangeira, indígena  
parecia a outra, a mais próxima da jovem,  
e tanto disse que a gerara, quanto a nutrira.  
Vencida por violentas mãos, a primeira  
a ela sem querer, protegia e logo disse  
15 que a fatal Europa era o dom de Zeus porta-égide.  
Assustada, lançou-se do leito estendido,  
coração agitado. O sonho parecia uma visão real.  
Sentada longamente em silêncio, ainda retinha  
ambas as mulheres, nos olhos concentrados.  
20 Enfim, a jovem ergueu a voz tímida:  
“Quem dos céus me lançou tal simulacro?  
Que sonhos teriam voado pelo tálamo, enquanto  
mais docemente dormia, no leito estendido?  
Quem era a estrangeira, que dormindo divisei?

<sup>5</sup> É difícil dizer quem é este “outro quio” (da ilha de Quios). Alguns supõem ser Homero. Assim, o poema faria um jogo que opõe Teócrito, criador do gênero bucólico, com suas musas siracusanas, com Homero, o maior poeta épico, com as musas olímpicas.

25 Tanto o desejo por ela tocou meu coração,  
 quanto alegre se mostrou, e viu-me sua filha.  
 Os deuses me levaram a bom sonho”.  
 Disse, ergueu-se e buscou as companheiras amigas,  
 coevas, coetâneas, alegres, filhas de pai ilustre.  
 30 Com elas sempre brincava, ao se preparar ao coro,  
 ou quando se banhava na foz dos rios,  
 ou quando colhia odoríficos lírios, nos prados.  
 Rápido surgiram, e cada uma tinha nas mãos  
 um florido cesto, e foram aos prados próximos.  
 35 Ali sempre se reuniam, em bandos,  
 prazerosas com o odor da rosa e o som da onda.  
 A própria Europa portava um dourado cesto,  
 admirável, grã maravilha, grã obra de Hefesto,  
 dado como dom à Líbia, quando ela fora  
 40 ao leito do Treme-terra. Essa o dera à belíssima  
 Telefaassa, sua consangüínea. À solteira Europa  
 a mãe Telefaassa regalara o ilustre dom,  
 no qual se erigiram muitos ornatos cintilantes.  
 Estava erigido, em ouro, Io de Ínaco,  
 45 ainda bezerra, sem forma feminina.  
 Com pés errantes, seguia por salgada senda,  
 semelhante a nadadora. E o mar escurecia.  
 Na borda da colina estavam duplos heróis,  
 face a face, e contemplavam o boi nadador.  
 50 Eis Zeus Cronida, tocando tranqüilo, com as mãos,  
 a bezerra de Ínaco. No Nilo de sete fozes, de novo,  
 a transformava de vaca de belo corno em mulher.  
 Em prata, a fonte do Nilo; em bronze, a bezerra;  
 e, em ouro, estava erigido o próprio Zeus.  
 55 Ao redor do cesto circular, Hermes  
 pôs o diadema. E próximo jazia  
 Argos, ornado de olhos vigilantes.  
 De seu sangue vermelho erguia-se  
 um pássaro, coberto de asas multicoloridas.  
 60 Como uma nau ligeira, movidos os remos,  
 revestia-se de remos as bordas do cesto dourado.  
 Tal era o cesto da belíssima Europa.  
 E elas logo partiram aos prados floridos  
 e alegravam o coração com outras flores.  
 65 Levavam o odorífico narciso, o jacinto,  
 a violeta e o serpilho. Por terra, muitas  
 pétalas floresciam, nos prados primaveris.  
 O tufo aromático de açafreão amarelo  
 disputando colheram. Mas é a princesa, com mãos  
 70 cheias de rosas vermelhas, que alegre diz  
 que Afrogenia se distinguia das Graças.  
 Não mais irá acalmar o ânimo com flores,  
 nem proteger a pura virginal cintura!  
 O Cronida tanto a desejou quanto foi enganado  
 75 no ânimo, domado pelos inopinados dardos  
 de Cípria. Só ela pode domar Zeus!  
 Evitando a cólera da ciumenta Hera,  
 querendo ludibriar a inteligência ingênua da jovem,  
 ocultou sua divindade, trocou o corpo e tornou-se touro,

80 mas que não pasta em estábulos, que não  
abre sulco, arrastando o curvo arado,  
que não se alimenta com o rebanho, que não  
puxa o pesadíssimo carro, domado por arreio.  
De fato, seu outro corpo era amarelo,  
85 e um círculo branco brilhava no meio da frente,  
e os olhos cintilavam e refletiam o desejo,  
e iguais cornos, lado a lado, erguiam-se da cabeça,  
quais círculos da chifruda lua, de semicortado disco.  
Veio ao prado e, tendo surgido, não assustou  
90 as jovens. Em todas surgiu um desejo de se aproximar,  
de tocar o encantador boi. Longe dele, divo odor  
também trazia uma agradável brisa ao prado.  
Parou aos pés da irrepreensível Europa,  
lambeu seu colo e encantou a jovem,  
95 que o Tateou e, tranqüila, com as mãos,  
lhe enxugou muita espuma da boca, e beijou o touro,  
que logo mugiu melodioso. Dir-se-ia ouvir  
ressoar o doce som da flauta migdônia.  
Ajoelhou-se aos pés e olhou Europa,  
100 virou o colo e mostrou-lhe o longo dorso.  
Ela disse às jovens de longas tranças:  
“Eia, companheiras amigas, coetâneas, que,  
sentadas, rejubilemos com o touro. A todas  
receberá, tendo estendido o dorso. Bom,  
105 amável e doce, é capaz de compreender. Em nada  
assemelha-se a outros touros. A inteligência sábia,  
como de um homem, circunda-o e só carece de voz”.  
Assim disse, sorriu e subiu no dorso, mas  
as outras hesitaram. Logo o touro se lançou,  
110 tendo pego a escolhida, e rápido foi ao mar.  
Ela voltou-se e chamou as companheiras amigas,  
estendendo as mãos. Mas não foram ao encontro.  
Partindo de Actao, corria avante, como um delfim,  
seguindo por largas vagas, com secas barbatanas.  
115 O mar, então, com a marcha se acalmou.  
Em torno, cetáceos saltavam aos pés de Zeus;  
alegre delfim, na vaga, cambalhotava do fundo.  
As Nereidas emergiram do mar. Logo todas  
se alinharam, sentadas nos dorsos dos cetáceos.  
120 O próprio mugente Treme-terra, pelo mar,  
dirigindo a vaga da senda marinha, seguiu  
o próprio irmão. Em torno, seguiram  
os Tritões, flautistas do mar altissonante,  
ressoando um canto nupcial, com longas conchas.  
125 E ela, sentada no dorso bovino de Zeus,  
segurava o longo chifre do touro. A outra mão  
puxava o púrpuro vestido do ventre, que  
a imensa água do mar cinzento não a molhasse.  
A densa túnica, no ombro de Europa, inflou-se,  
130 qual vela de nave, e tornou a jovem leve.  
Quando estava distante da terra pátria,  
não ressoante costa brilhava, nem escarpado monte,  
mas bruma em cima e mar infundável embaixo.  
Olhando em volta de si, ergueu tal voz:

- 135 “Onde me levas, divo touro? Quem te tornaste?  
Como percorres duros cursos, com curvo passo,  
e mar não temes? Pois o mar é caminho a naus  
ligeiras e touros temem a salgada senda.  
Que doce líqüido para ti! Qual será o pasto do mar?
- 140 Logo, és algum deus. Ages semelhante a deuses.  
Nem delfins marinhos em terra, nem touros  
no mar se alinham, mas tu, por terra e mar,  
sereno te lançaste. Teus remos são garras.  
Rápido e além da brilhante bruma te ergueste,
- 145 voarás semelhante a aves expeditas.  
Ai! Eu sou muito desditosa! A casa  
paterna abandonei, tendo seguido o boi,  
sigo estranha navegação e erro sozinha.  
Mas tu, protetor do mar cinzento, ó Treme-terra,
- 150 propício me encontres! Espero ver  
dirigida a travessia, meu percurso.  
Não sem diva ajuda, percorro os úmidos cursos.”  
Disse e respondeu-lhe o boi de belos cornos:  
“Coragem, não temas a vaga marinha, ó virgem!
- 155 Sou o próprio Zeus, mesmo que perto pareça  
touro, já que posso me mostrar como queira.  
O desejo por ti levou-me a percorrer tal mar,  
em touro transformado. Mas Creta já te receberá,  
que a mim mesmo nutriu, onde teu quarto nupcial
- 160 será. De mim gerarás filhos gloriosos,  
todos na terra serão portadores de cetro.”  
Disse e cumpriu o que disse. Surgiu  
Creta e Zeus novamente tomou sua forma,  
soltou-lhe o cinto e as Horas prepararam o leito.
- 165 A jovem diante de Zeus tornou-se logo esposa  
e ao Cronida pariu uma prole e logo tornou-se mãe.

**Notas:**

v.7. Fênix: filho de Agenor.

v.9. O continente oposto é a Europa.

v.40. Epíteto de Posídon, deus do mar.

v. 41. O cesto dourado foi confeccionado por Hefesto e dado à Líbia, por ocasião do casamento desta com Posídon, o Treme-terra. Líbia, por sua vez, deu-o de presente à sua irmã Telefaassa, mãe de Europa.

v. 44. Uma das cenas estampadas no cesto é o mito de Io, filha de Ínaco, que foi transformada em bezerra por causa do ciúme de Hera. Zeus, no Egito, devolveu-lhe a forma original. A outra cena refere-se ao cão Argos.

v. 71. Deusa nascida da espuma, Afrodite.

v. 98. Migdônia: frígia.

**CONCLUSÃO**

O gênero bucólico se vale dos recursos próprios da épica, quanto da lírica. É, portanto, um gênero híbrido. O nome bucólico, ou seja, boieiro, implica principalmente a idéia da vida pastoril, todavia a produção remanescente dos autores mostra uma grande variedade. Mosco, por exemplo, trabalha, em seu poema *Europa*, basicamente a matéria mítica. A natureza é um pano de fundo, diante do qual as ações são desenvolvidas.



## REFERÊNCIAS

- BAILLY, A. *Dictionnaire Grec Français*. Paris: Hachette, 1950.
- BRANDÃO, Junito de Souza. *Dicionário Mítico-Etimológico de Mitologia Grega*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1993.
- BUCOLIQUES GRECS. Tome II. *Pseudo-Théocrite. Moschos. Bion. Divers*. Texto estabelecido e traduzido por E. Legrand. Paris: Les Belles Lettres, 1953.
- CANFORA, Luciano. *Storia della letteratura greca*. Roma-Bari: Laterza, 1994.
- CROISET, Alfred & CROISET, Maurice. *Manuel d'histoire de la littérature grecque a l'usage des lycées et collèges*. Paris: Albert Fontemoing, 1900.
- EDMONDS, J. M. *The Greek Bucolic Poets*. Londres: Harvard University Press, 1950.
- GRIMAL, Pierre. *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*. Tradução de Victor Jabouille. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- GUERRA, Antonio Guzmán. *Dioses y héroes de la mitología griega*. Madri: Alianza Editorial, 1995.
- HESÍODO. *Teogonia. A origem dos deuses*. Estudo e tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 1992.
- HOMERO. *Batracomiomaquia. A batalha dos ratos e das rãs*. Estudo e tradução de Fabricio Possebon. São Paulo: Humanitas, 2003.
- HOPKINSON, Neil. *A hellenistic anthology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- LEGRAND, E. *Bucoliques Grecs – II. Pseudo-Théocrite, Moschos, Bion, Divers*. Paris: Les Belles Lettres, 1953.
- LIDDELL, Henry George & SCOTT, Robert. *Dizionario Illustrato greco-italiano*. Edição adaptada e atualizada por Q. Cataudella, M. Manfredi e F. de Benedetto. Florença: Le Monier, 1975.
- OVÍDIO. *Metamorfoses*. Tradução de Bocage. Introdução de João Angelo Oliva Neto. São Paulo: Hedra, 2000.
- PEREIRA, Carlos de Assis. *Ideário Crítico de Fidelino de Figueiredo*. São Paulo: FFLCH, 1962.
- POSSEBON, Fabricio. *Mégara de Mosco*. In: *Cadernos de Literatura em Tradução*. N. 4, p. 68-77. São Paulo: Humanitas, 2001.
- TARN, William; GRIFFITH, G.T. *La Civilización Helenística*. Tradução espanhola de Juan José Utrilla. México: Fondo de Cultura Económica, 1969.
- VIRGÍLIO. *Bucólicas*. Introdução, tradução do latim e notas de Maria Isabel Rebelo Gonçalves. Lisboa: Verbo, 1996.